

Cultura material escolar e o livro didático

School material culture and textbooks

Cultura material escolar y libros de texto

Valter Andre Jonathan Osvaldo Abbeg

Doutorando em Ciências da Educação

Universidad San Carlos - PY

valter.abbeg@usc.edu.py

RESUMO

Este artigo tem como objetivo situar o livro didático no contexto da cultura material escolar, destacando seu papel na constituição desse campo de estudo. O ambiente escolar é composto por diversos elementos que são fundamentais tanto para aqueles que passam apenas parte de seu dia na escola quanto para aqueles que ali permanecem por longos períodos, como os professores. Salas de aula, corredores, pátios, carteiras, cadeiras, quadros de giz e, claro, os livros didáticos, todos esses elementos contribuem para a configuração do espaço e do tempo na escola. O livro didático, em particular, desempenha um papel central nesse contexto, sendo um recurso essencial nas mãos dos professores. Seu uso não apenas reflete aspectos da cultura acadêmica e social, mas também transmite e reforça uma ampla gama de valores morais, sociais e culturais para as crianças, ajudando a moldar sua compreensão do mundo e seu papel na sociedade. Explora a relação entre o livro didático e o campo emergente de estudo da cultura material escolar. Destaca-se que, nas últimas décadas, houve uma mudança significativa na perspectiva da história da educação no Brasil, graças à influência da história cultural e da nova história cultural. A história da cultura material oferece uma abordagem que coloca o foco nos elementos tangíveis e cotidianos da vida, resgatando aspectos muitas vezes negligenciados em outras abordagens históricas, como demografia e economia. Isso permite uma visão mais completa e detalhada das práticas e experiências cotidianas no contexto educacional. A história da cultura material também promove uma mudança na perspectiva histórica, ao focar na "vida cotidiana" e naquilo que é produzido e consumido pela humanidade. Isso se relaciona com a atuação dos arqueólogos, que frequentemente não têm acesso a fontes escritas e, portanto, dependem de evidências materiais para reconstituir o passado. Essa abordagem não se limita à pré-história, mas também pode ser aplicada a períodos históricos mais recentes. A importância da cultura material escolar na compreensão da história da educação no Brasil é significativa, destacando que os livros e manuais didáticos desempenham um papel significativo nesse contexto. Eles não apenas refletem ideologias e prescrições políticas, mas também contribuem para a formação da identidade das crianças e para a construção da cultura escolar. Assim, o livro didático pode ser visto como um objeto que carrega consigo pistas valiosas sobre a evolução dos modos de conhecimento e das práticas educacionais ao longo da história.

Palavras-Chave: Cultura material. Escola. Livro didático.

ABSTRACT

This article aims to place the textbook in the context of school material culture, highlighting its role in the constitution of this field of study. The school environment is made up of several elements that are fundamental both for those who spend only part of their day at school and for those who stay there for long periods, such as teachers. Classrooms, corridors, courtyards, desks, chairs, chalkboards and, of course, textbooks, all these elements contribute to the configuration of space and time at school. The textbook, in particular, plays a central role in this context, being an essential resource in the hands of teachers. Its use not only reflects aspects of academic and social culture, but also conveys and reinforces a wide range of moral, social and cultural values to children, helping to shape their understanding of the world and their role in society. Explores the relationship between the textbook and the emerging field of study of school material culture. It is noteworthy that, in recent decades, there has been a significant change in the perspective of the history of education in Brazil, thanks to the influence of cultural history and the new cultural history. The history of material culture offers an approach that focuses on the tangible, everyday elements of life, rescuing aspects often neglected in other historical approaches, such as demography and economics. This allows for a more complete and detailed view of everyday practices and experiences in the educational context. The history of material culture also promotes a change in historical perspective, by focusing on "everyday life" and what is produced and consumed by humanity. This is related to the work of archaeologists, who often do not have access to written sources and, therefore, depend on material evidence to reconstruct the past. This approach is not limited to prehistory, but can also be applied to more recent historical periods. The importance of school material culture in understanding the history of education in Brazil is significant, highlighting that textbooks and manuals play a significant role in this context. They not only reflect ideologies and political prescriptions, but also contribute to the formation of children's identities and the construction of school culture. Thus, the textbook can be seen as an object that carries valuable clues about the evolution of modes of knowledge and educational practices throughout history.

Keywords: Material culture. School. Textbook.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo ubicar el libro de texto en el contexto de la cultura material escolar, destacando su papel en la constitución de este campo de estudio. El ambiente escolar se compone de varios elementos que son fundamentales tanto para quienes pasan sólo una parte de su día en la escuela como para quienes permanecen allí por períodos prolongados, como los profesores. Aulas, pasillos, patios, escritorios, sillas, pizarrones y, por supuesto, libros de texto, todos estos elementos contribuyen a la configuración del espacio y el tiempo en la escuela. El libro de texto, en particular, juega un papel central en este contexto, siendo un recurso esencial en manos de los docentes. Su uso no sólo refleja aspectos de la cultura académica y social, sino que también transmite y refuerza una amplia gama de valores morales, sociales y culturales a los niños, ayudando a moldear su comprensión del mundo y su papel en la sociedad. Explora la relación entre el libro de texto y el campo de estudio emergente de la cultura material escolar. Es de destacar que, en las últimas décadas, hubo un cambio significativo en la perspectiva de la historia de la educación en Brasil, gracias a la influencia de la historia cultural y de la nueva historia cultural. La historia de la cultura material ofrece un enfoque que se centra en los elementos tangibles y cotidianos de la vida, rescatando aspectos a menudo descuidados en otros enfoques históricos, como la demografía y la economía. Esto permite tener una visión más completa y detallada de las prácticas y experiencias cotidianas en el contexto educativo. La historia de la cultura material también promueve un cambio de perspectiva histórica, al centrarse en la "vida cotidiana" y en lo que produce y consume la humanidad. Esto está relacionado con el trabajo de los arqueólogos, que muchas veces no tienen acceso a fuentes escritas y, por tanto, dependen de evidencia material para reconstruir el pasado. Este enfoque no se limita a la prehistoria, sino que también puede aplicarse a períodos históricos más recientes. La importancia de la cultura material escolar en la comprensión de la historia de la educación en Brasil es significativa, destacando que los libros de texto y manuales juegan un papel significativo en este contexto. No sólo reflejan ideologías y prescripciones políticas, sino que también contribuyen a la formación de las identidades de los niños y a la construcción de la cultura escolar. Así, el libro de texto puede verse como un objeto que contiene pistas valiosas sobre la evolución de los modos de conocimiento y las prácticas educativas a lo largo de la historia.

Palabras clave: Cultura material. Escuela. Libro de texto.

INTRODUÇÃO

Este escrito almeja contextualizar o livro didático dentro do âmbito de estudo voltado à cultura material escolar. Ao adentrar nos recônditos de uma instituição educacional, diversos elementos assumem uma relevância significativa para aqueles que ali passam seus dias, seja de maneira transitória ou para aqueles que ali permanecem por longos períodos, a saber, os professores. As salas de aula, os corredores, os pátios, as carteiras, as cadeiras, o quadro de giz, bem como os livros, dentre outros objetos, desempenham um papel fundamental na composição, organização e reorganização do espaço e do tempo no universo escolar. Práticas e métodos que, com o avançar do tempo, tendem a ser esquecidos, como as tradicionais cantigas de roda e os corais, coexistem lado a lado com as inovações tecnológicas que, em velocidade vertiginosa, têm se infiltrado nas instituições de ensino. A materialidade desses objetos e utensílios, muitos dos quais há muito perduram no ambiente escolar, constitui fragmentos que contam a história cotidiana desse espaço singular.

O livro didático, em particular, ocupa um lugar de destaque, mantendo-se como uma ferramenta viva e resiliente nas mãos do professor. O hábito ou diretriz de utilização do livro didático transcende sua função meramente instrucional, indo além. Ele identifica, transmite e reflete não somente uma cultura social e acadêmica, mas também, de maneira mais profunda, incute e impõe uma série de valores morais, sociais e culturais nas mentes das crianças que o utilizam. No âmbito da pesquisa historiográfica

conceitual que norteia este estudo, buscou-se não apenas analisar o livro didático como um objeto tangível, mas também compreender sua relevância enquanto um artefato cultural profundamente enraizado na experiência educacional e elemento central de uma dada cultura material escolar. Esta pesquisa adotou uma abordagem que transcende a mera análise de conteúdo, buscando revelar as complexas teias de significado que envolvem o livro didático, bem como sua influência na construção da cultura escolar e na formação das identidades das crianças que o utilizam. Neste sentido, exploramos não apenas o que está impresso nas páginas desses livros, mas também o que está implícito, o que é transmitido de maneira sutil por meio de sua utilização e presença no ambiente escolar.

Ao longo deste trabalho, procuramos lançar luz sobre a configuração do livro didático não apenas como veículo de conhecimento, mas como um artefato cultural que desempenha um papel fundamental na educação e socialização das novas gerações. Este estudo se insere em um campo de pesquisa que reconhece a cultura material como uma lente valiosa para a compreensão da história educacional e das dinâmicas sociais que a moldam.

CULTURA MATERIAL ESCOLAR

Introduzir o tema de cultura material escolar pode percorrer diferentes itinerários, caminhando pelos vários escritos e publicações sobre o tema; parte-se, todavia, que, singularmente da contribuição inequívoca referenciada pela história cultural e nova história cultural;

suas colocações estão diretamente relacionadas a mudança de perspectiva no campo da história da educação brasileira realizada nas últimas décadas.

Procuramos algumas indicações, e encontramos em Dosse (1994) a seguinte afirmação: “A história da cultura material tem a vantagem de fazer renascer o homem desaparecido sob os escombros das séries embaralhadas da demografia e das curvas econômicas de longa duração...” (DOSSE, 1994, p.173). E indica: “O iniciador, o precursor na prospecção da cultura material, reivindicado como membro dos *Annales avant la lettre*, é Norbert Elias”, que lança seu livro sobre a evolução dos costumes em 1939. Sua descrição gira em torno de uma tese central. Quer demonstrar o progresso alcançado, desde a Idade Média, no controle cada vez maior do homem ocidental sobre seu corpo. (DOSSE, 1994, p.173-174).

Outra estudo que serve como referencial é o intitulado *Civilization matérielle et capitalisme*¹, de Fernand Braudel, que segundo Burke (1991, p. 40-41) foi um ambicioso estudo acerca da história da cultura material publicado em três volumes de 1967 e 1979, no qual se concentrou nas categorias econômicas do consumo, distribuição e produção; valorizando esta contribuição Burke esclarece:

1 Publicado no Brasil primeiramente pela editora Cosmos em 1970 sob título: *Civilização material e capitalismo*; e mais recente em 1995, dividido em três tomos pela editora Martins Fontes. Braudel define civilização material como: “Acontece que uma zona de opacidade, muitas vezes difícil de observar por falta de documentação histórica suficiente, se estende sob o mercado; é a atividade elementar de base que se encontra por toda a parte e cujo volume é simplesmente fantástico. À falta de termo melhor, denominei essa zona espessa, rente ao chão, de *vida material* ou *civilização material*.” (BRAUDEL, 2005, p.12)

Como em relação ao espaço, Braudel em seus temas subverte as fronteiras tradicionais da história econômica. Deixa de lado as categorias tradicionais de “agricultura”, “comércio” e “indústria”, e observa, substituindo-as, “a vida diária”, o povo e as coisas, “coisas que a humanidade produz ou consome”, alimentos, vestuários, habitação, ferramentas, moeda, cidades... Dois conceitos básicos subjazem a esse primeiro volume, um deles, “vida diária”, o outro, “civilização material”. (BURKE, 1991, p.42)

A história da cultura material modifica a visão de cima para baixo, sendo “rente ao chão”, pois evidencia elementos da materialidade que propiciam uma diferente construção da narrativa histórica. Para Burke, a cultura material tem uma relação com o campo de ação dos arqueólogos, os quais quase nunca possuem fontes escritas, e enfatiza que não há motivos para que estes métodos arqueológicos se restrinjam à pré-história. (BURKE, 1992, p.28)

Sobre os usos da materialidade Burke relata que “... é difícil não imaginar se a cultura material está sendo utilizada para fazer algo mais do que confirmar uma hipótese fundamentada no primeiro caso sobre a evidência literária.” (BURKE, 1992, p.28). Assim, cabe a crítica sobre o estudo das bases materiais que serviriam apenas como forma ilustrativa, para confirmar afirmações já postas, nada contribuindo para modificar as nuances da narrativa histórica. Burke continua alertando para problemas de trabalhar com a materialidade:

Os historiadores preocupados com o que tem sido chamado de vida social dos objetos - ou mais exatamente, com a vida social dos grupos, revelada por seu uso dos objetos - confiam profundamente em evidências tais como descrições de viajantes (que nos dizem muito sobre a localização e as funções de determinados objetos) ou inventários de propriedades, acessíveis à análise por métodos quantitativos. (BURKE, 1992, p.29)

A crítica sutil não recai sobre os métodos quantitativos, mas sobre a confiança profunda em determinadas descrições, que devem ser consideradas como indícios e não fundamento da realidade. Tal como um inventário de biblioteca permite afirmar que existem muitos volumes de um dado livro, não significa, todavia, que estes eram necessariamente lidos. Neste sentido, de segurança e do trato com o método histórico, o procedimento de fazer a história, resguarda-se a precípua afirmação de Le Goff (ano):

Hoje o *método* seguido pelos historiadores sofreu uma mudança. Já não se trata de fazer uma seleção de monumentos, mas sim de considerar os documentos como monumentos, ou seja, colocá-los em série e tratá-los de modo quantitativo; e, para além disso, inseri-los nos conjuntos formados por outros monumentos: os vestígios da *cultura material*, os objetos de *coleção* (cf. *pesos e medidas, moeda*), os tipos de *habitação, a paisagem*, os fósseis (cf. *fóssil*) e, em particular, os restos ósseos dos animais e dos homens (cf. *animal, homo*). Enfim, tendo em conta o fato de que todo o documento é ao mesmo tempo verdadeiro e falso (cf. *verdadeiro/falso*), trata-se de pôr à luz as condições de produção (cf. *modo de produção, produção/distribuição*) e de mostrar em que medida o documento é instrumento de um

poder (cf. *poder/autoridade*). (1990, p.553 – grifos originais)

Muitas são as formas de abordar a cultura material escolar, através dos espaços, dos tempos, currículos, conjunto de práticas escolares, formação, sua arquitetura, enfim, vê-se de cara que este assunto pode ser abordado em vários aspectos, segundo Dominique Julia:

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001, p.10)

A cultura escolar contempla desde traços, elementos que estão aparentes, de forma material, a uma subjetividade que se faz presente. Essas práticas, conhecimentos e comportamentos sofrem variação no tempo, segundo novas formas de pensar a escola, a educação. Também é possível, neste campo da cultura escolar, categorizar de forma abrangente as várias nuances que perpassam as disciplinas escolares, uma vez que se utilizam de elementos de variadas áreas do conhecimento. Sendo assim:

Os trabalhos que tomam a cultura escolar como categoria de interpretação partem das diversas áreas

disciplinares que compõem a pedagogia, como a psicologia da educação, a sociologia da educação, a filosofia da educação e a didática, entre outras. E, apesar de partilharem referências comuns, traduzem os modos próprios de lidar com o arsenal teórico, de assegurar procedimentos de validação das pesquisas e de legitimar análises, constitutivos de cada área disciplinar, espelhando as múltiplas especialidades do saber pedagógico e seu diálogo com campos de conhecimento afins, como a psicologia, a sociologia e a filosofia. (FARIA FILHO; GONÇALVES; VIDAL; PAULILO, 2004, p. 142)

Pensando nas várias possibilidades de análise sobre a cultura escolar, cabe a cada pesquisador definir seu campo de ação, seu objeto a ser rastreado. Neste sentido, este trabalho visa debater a possibilidade de caracterizar a literatura escolar a partir de alguns fragmentos de pesquisa e referenciais bibliográficos ligados à história da educação, especificamente ligados aos diferentes livros que circularam pelos corredores, salas e quartos escuros das escolas. Não se pretende esgotar o tema e tampouco realizar um extenso estado da arte, mas uma busca por características gerais que possam definir seus limites e suas práticas. A princípio se reconhece como literatura escolar os manuais escolares e os livros didáticos. Utilizando-se de Burke advém que:

Sua preocupação com “culturas de conhecimento” enfatiza a história de práticas culturais como maneiras de ler ou de tomar notas, a história de ritos de passagem acadêmicos, como cerimônias de formatura, e a história da cultura material da educação, inclusive “pequenas ferramentas de

conhecimento” como quadros-negros e estantes. Normalmente associamos o mundo do saber com a leitura e a escrita, mas todos esses três estudos enfatizam a sobrevivência da cultura oral na universidade, na era da imprensa, sob a forma de aulas, seminários e exames orais. (BURKE, 2008, p.112)

O mundo do saber com a leitura e a escrita adquire características determinadas ao assumir o ambiente escolar para ser propagador. A referência de sua prescrição torna-se um de seus elementos determinantes. Assim, o livro didático é um escrito proposto, voltado, indicado ou prescrito para a escola, mas, não se deve simplificar numa justaposição de causa-efeito: é voltado para escola então figura como literatura escolar. Magalhães (2006) debatendo sobre a história do manual escolar em Portugal questiona sua natureza:

Uma epistemologia do manual escolar constitui um desafio conceptual, cuja complexidade, extensível à história do livro, se particulariza, em síntese, numa dialéctica entre discurso e *episteme*. Há no livro, e muito particularmente no manual escolar, dimensões de natureza epistémica e gnoseológica, dimensões de natureza científica e discursiva, dimensões de natureza socioantropológica, com referência à pedagogia e à psicologia, que não se confinam ao documentalismo e à biblioteconomia. (2006, p.6)

A natureza científica e discursiva do manual escolar, sua prescrição devidamente fundamentada sobre um dado conhecimento científico garantiria sua aplicabilidade no ambiente escolar. Pode-se

colocar que não apenas a ambiência, mas o objetivo-finalidade definiria a literatura escolar. Mais que isso...

O manual escolar tem uma materialidade; espécime e produto autoral, editorial, mercantil, ele é mercadoria e produto industrializado e comercializado, com características próprias e que cumpre objetivos específicos nos planos científico, social e cultural. Os seus modos de produção e de circulação envolvem uma cadeia de agentes e estão condicionados por uma série de prerrogativas: dimensões autorais; técnicas e materiais de fabrico e reprodução; processos e percursos produtivos; circunstâncias e condicionalismos de comercialização, circulação, difusão, acesso. (MAGALHÃES, 2006, p.7)

Além desses elementos de natureza comercial e editorial, o valor agregado do manual escolar está em seu caráter prescritivo, como a descrição de seu uso para os professores, a melhor forma de utilização, descrição de ações que o professor terá que executar antes, durante e depois de seu manejo. O manual pede um complemento, uma intervenção. A materialidade do escrito, consubstanciado de seus valores pedagógicos, científicos e políticos demonstram que a sujeição, tanto do manual escolar quanto de sua possível literatura estão sujeitos a dimensões produtivas, autorais, técnicas, comerciais, entre outras. Para Corrêa (2000) torna-se possível identificar a própria cultura escolar a partir das relações entre comercialização do livro didático, por exemplo, reconhecendo que:

Assim, a organização do livro escolar, no que se refere à forma como uma parcela do conhecimento foi distribuída no interior da escola, não se deu exclusivamente por critérios pedagógicos (o que, aliás, parece ter influenciado pouco), mas sobretudo por critérios que antes de mais nada pudessem torná-lo vendável. Para isso concorrem os títulos, as ilustrações e o papel. (CORRÊA, 2000, p.22)

O propósito do texto escrito definido no seu conjunto de valores atribuí determinados objetivos sociais específicos caracterizando seu espécime, os manuais assumem a característica de sistematização do currículo. Possuindo prescrições e conteúdos curriculares selecionados anteriormente, predispõe a indicação de escolhas, de uma aceção a determinada política educacional. Desta forma, “...tivemos assim, na geração dos iniciadores da produção didática, figuras próximas ao governo, escritores de obras literárias, sobretudo os principais encarregados do “fazer científico” da época”. (BITTENCOURT, 2004, p.482).

Os livros didáticos ou livro escolar, que também, têm uma finalidade explícita de moldar determinado caminho a ser seguido, subjacente a determinado procedimento metodológico, integra tanto o fazer docente quanto estabelece uma relação do aluno com o conhecimento. Este instrumento “... ao fazer parte da cultura da escola, não integra essa cultura arbitrariamente. É organizado, veiculado e utilizado com uma intencionalidade, já que é portador de uma dimensão da cultura social mais ampla” (CORRÊA, 2000, p.19). Sendo portador de cultura serve de referência, de base para se

pesquisar a “mediação” entre a formação institucional e o âmbito social alcançando vestígios de um significado sobre sua função social.

Tal como o campo da história do currículo se ateve principalmente e essencialmente às normatizações, as prescrições e implicações de políticas educacionais, e a história das disciplinas acaba adentrando no interior da escola, busca no método, na prática, no cotidiano os laços que perfazem a vivência dos atores e sujeitos da escola, abre-se um espaço possível decorrente e sujeito ao embate das próprias forças da história cultural e nova história cultural, na utilização de elementos da cultura material e seus alcances e enlaces com as áreas supracitadas. Mesmo que não visando uma perpetuação deste campo de pesquisa que se forja, acaba por incitar um longínquo debate a cerca das disciplinas escolares enquanto fonte historiográfica, diferenciando em argumentos das “outras” histórias. (CHERVEL, 1990).

Localizado e identificado, no conjunto que relaciona linguagens científicas e os saberes presentes nos livros didáticos, é possível examinar a identidade tanto da cultura escolar quanto do livro através de seus conteúdos, saberes e práticas prescritivas. A dimensão de autoria Bittencourt (ano) afirma:

A história do livro didático brasileiro tem demonstrado que existem preconceitos em relação aos intelectuais que se dedicam à produção didática, considerando-se o livro escolar como uma obra “menor”, um trabalho secundário no currículo acadêmico. No século XIX e início do século XX, período inicial dessa produção, a situação não era

muito diferente embora houvesse algumas particularidades. Identificar o grupo de intelectuais que se sujeitaram às imposições do poder educacional e das editoras merece, assim, considerações significativas para aprofundar o conhecimento sobre o livro didático e o papel que tem desempenhado na produção da cultura escolar. (2004, p.479)

E, segundo Boto:

...é possível dizer que, se a cultura escolar tem realmente uma autonomia que lhe é constitutiva, ela também se traduz pela incorporação e recriação de conteúdos simbólicos que dizem respeito a campos variados da produção das ciências. Isso nos faz acreditar que a lógica interna da escolarização condiz com a identidade dessa confluência: são os usos escolares de linguagens provenientes dos diversos territórios do conhecimento humano que articulam e instituem os saberes ou conhecimentos presentes nos livros didáticos. (2014, p.110)

O livro, mesmo sendo imbuído de políticas públicas, características ideológicas, relações mercadológicas de produção e comercialização, que implicam diretamente na sua circulação, perfazem e constituem a realidade concreta da escola.

Os livros didáticos são constituintes da complexa cultura material presente nos sistemas formativos e educativos escolarizados, sendo utilizados como meio de seleção, registro e divulgação de conteúdos de natureza diversa. Importa que, em algumas situações, tais conteúdos são determinados por orientações legais, detalhadas em currículos construídos e impostos como estruturantes oficiais para execução

no ambiente escolar. A escrita do interno dos livros didáticos materializa e registra, direta ou indiretamente, conhecimentos, idéias e valores – todo um repertório que permite a interpretação do texto escrito, podendo suscitar certas predisposições formativas. (SANTOS, NICARETA, p.116)

Entre os elementos que perfazem a cultura material escolar, são constituídos vários estudos, como exemplo: mobiliários (SOUZA, 2007, d), troféus (FISCARELLI, SOUZA, 2007), livros, uniformes, fotografias, a materialidade dos equipamentos de uma dada instituição (SOUZA, 2007c); entre diferentes utensílios que integram a materialidade da escola. (CASTRO, 2011; SILVA, PETRY, 2012; CASTRO, CASTELLANOS, 2013). Mas esta materialidade deve ser contextualizada como afirma Fernandes (ano) : “Mas a escola não é apenas um universo de objectos. É também um mundo de pessoas e um tecido de relações interpessoais. Desse modo, a leitura crítica que a memória da escola proporciona pode levar-nos a transpor a sua face material.” (2005, p.24)

A cultura material se revela altamente profícua para denunciar os projetos de civilidade, as nuances das práticas escolares, tornando-se um considerável objeto e fonte de pesquisas. Compreende-se que “...ao materializar aspectos ideológicos que conferem a identidade de determinados grupos sociais, o impresso utilizado como fonte de pesquisa pode desencadear novas ideias que ampliam o sentido dos fatos estudados.” (AMARAL, 2002, p.122). E mais ao relacionar-se diretamente ao livro didático...

O livro didático, diferentemente dos demais, sofria intervenções constantes do poder estabelecido, Estado ou Igreja, devendo os editores ou autores, submeterem-se aos programas oficiais escolares. A interferência do poder era regulamentada por legislação e a censura foi uma constante na história dessa literatura. (BITTENCOURT, 1996, p.5)

Esta possibilidade de configurar a literatura escolar como objeto e fonte de pesquisa não insere nas suas colunas os documentos oficiais (ofícios, relatórios, memorandos entre outros) e os de natureza jurídica e normativa (legislação, instruções, regulamentos entre outros), fontes que sempre corroboraram para a construção da narrativa histórica da educação. Amaral (2002, p.123) destaca que há pouca atenção para os impressos estudantis, como os jornais escondidos nas gavetas dos grêmios estudantis.

Mais que definir um conjunto de materiais como elementos desta literatura, pode-se polarizá-los em dois grandes grupos: um que envolve a prescrição sobre os sujeitos e práticas sociais e outro que trata da execução das práticas estabelecidas. Como afirma Corrêa (ano) : “Desvendar o livro escolar é também contribuir para fazer a arqueologia das práticas escolares por meio dos materiais que compuseram o trabalho pedagógico desenvolvido na escola ao longo do tempo.” (2000, p.20)

Práticas escolares que ganham materialidade nas brincadeiras infantis, na formação de opinião, na fala de professores, na eleição de valores e escolhas sociais, criando, compondo e reproduzindo

comportamentos eleitos como adequados, não só nos muros da escola,

Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização. (JULIA, 2001, p.11)

Para além dos limites da escola, os processos de escolarização ligados a uma cultura difundida nos livros didáticos entram no mundo das competências editoriais, além de um bom escritor, de renome, é necessário ter ancoragem nas prescrições legais para determinado período da escolarização, também é necessário ter uma escrita convincente, adequada e de cunho científico, uma vez que, “alicerce da cultura, instrumento poderoso de conservação e difusão da cultura, o livro, é óbvio, precisa ser, antes de tudo, bem estruturado e bem escrito, exigindo ainda, do seu autor, que tenha, realmente, alguma coisa para dizer”. (ANDRADE, 1974, p. 108) Na opinião desse autor, quem escreve livros didáticos é alguém especializado no assunto, capaz de fazer diferença na forma e na escrita, prescrevendo não só conteúdos, mas metodologias que serão aplicadas pelos professores, também é essencial um cuidado com a forma material, a ser dedicada aos alunos.

A afirmação de Souza (ano) , que imprime sobre a cultura material escolar um espectro amplo, os diversos elementos materiais

associados ao mundo da educação. (2007a, p. 176). Potencializa a explicação acerca dos materiais escolares, mas exige outros olhares, pois há uma “...imensa quantidade de artefatos que se encontram deliberadamente ou não guardados nas instituições educativas...”. (SOUZA, 2007b, p.11). Deve-se salientar que a cultura material escolar é mais ampla, e integra uma percepção de outros elementos que escapam a prescrição normativa da legislação e adentra às práticas escolares, se não reconhecendo seus elementos, desvelando alguns de seus fragmentos. Torna-se possível, segundo Vidal:

Invadir a “caixa-preta” da escola, máxima reiterada nas investigações recentes, tem significado também perscrutar as relações interpessoais constituídas no cotidiano da escola, seja em função das relações de poder ali estabelecidas, seja em razão das diversas culturas em contato (culturas infantis, juvenis e adultas, culturas familiares e religiosas, dentre outras). Nessa perspectiva, a percepção de tensões e conflitos no ambiente escolar e nas formas como a escola se exterioriza na sociedade vêm matizando a visão homogeneizadora da instituição escolar como reprodução social. (2009, p.26)

A partir da compreensão da cultura material escolar como indício das práticas, abre-se outras perspectivas de estudo, reconhecendo a percepção de que a cultura escolar acontece pelas práticas escriturais e não escriturais, orais e corpóreas, que acionam os vários dispositivos pertencentes aos afazeres escolares, tanto no que concerne às lições quanto aos usos desta materialidade colocada em circulação no espaço e tempo escolar. (VIDAL, 2009, p.32). Desta

forma, acaba por abranger os materiais e produtos do escrever, os quais ocupam uma posição expressiva no conjunto das práticas escolares e organizacionais da escola e “...tomados em sua materialidade, os objetos da escrita permitem não apenas a percepção dos conteúdos ensinados, mas o entendimento do conjunto de afazeres ativados no interior da escola.” (VIDAL, 2009, p. 31).

O livro didático constitui-se como um objeto desencadeador desta uma cultura material escolar, por apresentar-se no espaço concreto da escola, sendo que na sua materialidade visualiza-se juntamente ao conteúdo escrito, a temporalidade própria do ensinar e aprender, as diferentes marcas de um momento histórico e social da educação; capaz de lançar diferentes olhares para as relações ideológicas e metodológicas; os discursos e sua prescritividade ao orientar o professor no seu afazer diário. Adentrando no cenário republicano brasileiro início do século XX revela-se o berço da história do livro didático, os primeiros escritos e editados por autores nascidos no Brasil, na ocasião:

Os livros didáticos constituem uma linha de vendas seguras e permanente, além de proporcionar ao editor nacional uma vantagem sobre os competidores estrangeiros, cujos produtos jamais podem adaptar-se tão bem às condições ou aos currículos locais. Por isso, Baptiste Louis Garnier já tinha iniciado a publicação de livros didáticos, mas Francisco Alves foi o primeiro editor brasileiro a fazer dessa linha editorial o principal esteio de seu negócio. (HALLEWELL, 2005, p. 280)

Surge assim, para dar expressão literária aos valores culturais e ideológicos. O cuidado com os aspectos estéticos, formato, composição, tamanho, conteúdo estão relacionados e são dependentes da tecnologia disponível. Comparado a outros países, a instalação de uma indústria editorial demorou a se consolidar, uma vez que, “ a amplitude da produção editorial brasileira é, também, enorme: desde o autor de poesia popular que imprime, apregoa e vende seus próprios folhetos, até uma editora de livros didáticos para o ensino fundamental” (HALLEWELL, 2005, p. 43).

Na opinião de Batista e Galvão(ano), a produção brasileira entorno dos livros e manuais didáticos é controversa, pois:

Ela tende a concentrar sua atenção, em primeiro lugar, nos conteúdos dos livros – que expressariam diretamente os interesses de controle político ou dimensões da cultura escolar, em detrimento do conjunto dos procedimentos discursivos e retóricos dos quais esses conteúdos fazem parte, das dimensões técnicas, econômicas e escolares que condicionam esses procedimentos, bem como dos processos de apropriação desses conteúdos em práticas efetivas de leitura. (BATISTA; GALVÃO, 2009, p. 16)

Como um paleontólogo procurando pistas do passado, o livro escolar ou livro didático pode ser analisado como um objeto através do qual a história dos modos de conhecer foi se configurando, se modificando ao longo da história. Também é possível rememorar ideologias e prescrições políticas incorporadas como “... a formação

ideológica da criança, bem como os processos pelos quais a escola constrói sua cultura, seus saberes, suas práticas". (BATISTA; GALVÃO, 2009, p. 16).

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Mergulhamos nas águas que banham da cultura material escolar, desvelando camadas e estratos que, por vezes, permaneceram ocultos sob o manto das narrativas históricas convencionais. O livro didático, esse protagonista silencioso e onipresente nos corredores das instituições de ensino, emerge como um artefato rico em significados e implicações. Ao situá-lo no contexto da cultura material escolar, transcendemos as fronteiras tradicionais da história da educação, adentrando um território "rente ao chão", onde a materialidade se entrelaça com as experiências cotidianas e as dinâmicas de poder. A influência das correntes da história cultural e da nova história cultural sobre a abordagem da cultura material escolar é inegável. Elas nos ensinaram a olhar para além das curvas econômicas e das séries demográficas, resgatando o homem comum de sob os escombros da estatística e das narrativas convencionais. Norbert Elias e Fernand Braudel, figuras proeminentes desse cenário, destacaram o papel da cultura material na compreensão das mudanças sociais e culturais ao longo do tempo. Suas obras nos instigam a questionar o progresso e o controle do corpo humano na sociedade ocidental, bem como a explorar as categorias econômicas que moldam nossa existência.

A perspectiva da cultura material nos permite romper com as barreiras tradicionais da história econômica, substituindo categorias como "agricultura", "comércio" e "indústria" por um foco na "vida diária", no povo e nas coisas que a humanidade produz e consome. Essa abordagem, muitas vezes associada à arqueologia, nos leva a examinar os objetos tangíveis que moldaram as práticas e experiências humanas ao longo da história.

A história da cultura material escolar revela o papel essencial do livro didático na construção da cultura escolar e na formação da identidade das crianças. Não se trata apenas de um veículo para o conhecimento acadêmico, mas também de um espelho que reflete valores morais, sociais e culturais. Ele carrega consigo ideologias e prescrições políticas que permeiam o cotidiano escolar, influenciando a forma como as gerações futuras compreendem o mundo. Ao explorar a cultura material escolar, desvendamos uma narrativa histórica rica e complexa, onde objetos aparentemente mundanos ganham vida como testemunhas silenciosas das transformações sociais e culturais. O livro didático, entre outros elementos, ocupa um lugar de destaque nesse cenário, revelando-se não apenas como uma ferramenta de ensino, mas como um artefato cultural carregado de significado. Essa jornada nos convida a repensar nossa compreensão da história da educação e a reconhecer a importância da cultura material na construção de nossa identidade coletiva.

REFERÊNCIAS

ABBEG, V. A. J. O. CETEPAR e a fabricação do “Homem-Novo”:
programas estatais no ensino paranaense (1971-1982). **ETS EDUCARE**
- **Revista de Educação e Ensino**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1–19, 2023. DOI:
10.5281/zenodo.8187845. Disponível em:
<https://esabere.com/index.php/educare/article/view/24>. Acesso em:
24 set. 2023.

ABBEG, Valter Andre Jonathan Osvaldo. **Pro Brasília Fiant Eximia**:
nacionalismo e paulistanidade em livros didáticos aprovados no
Estado de São Paulo (1911-1937). Guarulhos, 2018. 208 f. Dissertação
(Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Paulo,
Guarulhos, 2018.

AMARAL, G. L. Os impressos estudantis em investigações da cultura
escolar nas pesquisas histórico- institucionais. **História da Educação**,
Pelotas, n. 11, p. 117-130, abril, 2002.

ANDRADE, O. de S.. **O Livro brasileiro**: progressos e problemas. Rio de
Janeiro/Brasília: Paralelo/INL, 1974.

BATISTA, A. A. G.; GALVÃO, A. M. de O. **Livros escolares de leitura no**
Brasil: elementos para uma história. Campinas, SP: Mercado das
Letras, 2009.

BITTENCOURT, C.M.F. Autores e editores de compêndios e livros de
leitura (1810-1910). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p.
475-491, set./dez. 2004.

_____. Práticas de leitura em livros didáticos. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 22, n. 1, p. 1-21.1996.

BOTO, C. A Liturgia da Escola Moderna: Saberes, Valores, Atitudes e Exemplos. **História da Educação** (on-line), Porto Alegre, p. 99-127, 2014.

BRAUDEL, F. **Civilização Material, Economia e Capitalismo**. Séculos XV-XVIII. v. 1: as estruturas do cotidiano. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BURKE, P. **A Revolução Francesa da historiografia**: a Escola dos Annales 1929-1989. Trad. Nilo Odália. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____. (org.) **A escrita da história**: novas perspectivas. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

_____. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Góes de Paula. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

CASTRO, C. A. (org). **Cultura material escolar**: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925). São Luis: EDUFMA/ Café & Lápis, 2011.

CASTRO, C. A.; CASTELLANOS, S. L. V. (org). **A escola e seus artefatos culturais**. São Luis: EDUFMA/ Café & Lápis, 2013.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, n. 2, p. 177-229, 1990.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

- CORRÊA, R. L. T. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. **Cadernos Cedes**, ano XX, p. 11-24, n. 52, nov.2000.
- DOSSE, F. **A história em migalhas**: dos Annales à nova história. Trad. Dulce A. Silva Ramos. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- FERNANDES, R. Cultura de escola: entre as coisas e as memórias. **Pro-Posições**. v. 16, n. 1, p. 19-39, jan.-abr.2005.
- FISCARELLI, R. B. de O.; SOUZA, R.F.. Símbolos da excelência escolar: história e memória da escola pública inscrita em troféus. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.14, p. 95-115, maio/ago. 2007.
- HALLEWELL, L. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: Edusp, 2005.
- JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.
- KREUTZ, L. *Das Schulbuch* (O livro escolar), 1917-1938. Um periódico singular para o contexto da imprensa pedagógica no período. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v 11, n. 23, p. 193-215, set-dez., 2007,
- KREUTZ, L. Livros escolares e imprensa educacional periódica dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, Brasil, 1870-1939. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 31, n. 17, p. 24-52, jan.-abr. 2008.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- MAGALHÃES, J. O manual escolar no quadro da História Cultural: para uma historiografia do manual escolar em Portugal. **Sísifo- Revista de Ciências da Educação**, 1, p. 5-14, n.1, s e t / d e z. 2006.

NICARETA, S. E. Percorrendo alguns dos circuitos do livro escolar no Brasil: elucidando aspectos da mulher na Primeira República à Era Vargas. *Cadernos de InterPesquisas*, [S. l.], v. 1, p. 30–49, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.8023595. Disponível em: <https://esabere.com/index.php/cadips/article/view/7>. Acesso em: 24 set. 2023.

RAMOS, M. E. T. **O ensino de história na revista Nova Escola (1986-2002): cultura midiática, currículo e ação docente**. Curitiba, 2009. 272 fls. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

ROCHA, H. H. P. Prescrevendo regras de bem viver: Cultura escolar e racionalidade científica. **Cadernos Cedes**, ano XX, p. 55-73, n. 52, nov.2000.

SANTOS, A. V.; NICARETA, S. E. O Abasileiramento infantil: Livros didáticos e currículo da escola primária no Estado Novo. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 3, n. 6, p. 113 – 130, jul.-dez. 2008.

SILVA, V. B. Uma história das leituras para professores análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971). **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 6, p. 29-57, jul./dez. 2003.

SILVA, S. M. B. da; GOMES, A. de L. S. INTERFACES ENTRE A CULTURA E ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA: CONSTRUINDO CONHECIMENTOS DE ECOLOGIA NO BAIXO TOCANTINS. *Cadernos de InterPesquisas*, [S. l.], v. 1, p. 150–163, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.8174839. Disponível em:

<https://esabere.com/index.php/cadips/article/view/22>. Acesso em: 24 set. 2023.

SILVA, V. L. G da.; PETRY, M. G.(orgs). **Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar** (Santa Catarina, Séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012.

SOUZA, R. F. de. Apresentação: vestígios da cultura material escolar. Dossiê A cultura material na história da educação: possibilidades de pesquisa. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v.7, n.2 , p.11-14, maio-ago 2007b.

SOUZA, R. M. F. de. A cultura material escolar da Deutsche Schule. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.14, p. 69-94, maio/ago. 2007c.

SOUZA, R.F. de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, M. L. A.. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007a. p. 163-189.

VARRICCHIO, L. M. Ensino de História: legislação e normas na formação de professores. ETS EDUCARE - Revista de Educação e Ensino, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 96–120, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.8352260. Disponível em: <https://esabere.com/index.php/educare/article/view/42>. Acesso em: 24 set. 2023.

VARRICCHIO, L. M. INSTITUIÇÕES DE ENSINO E O ENSINO DE HISTÓRIA: DISPUTAS, PROJETOS E PODER CAPILAR . Cadernos de InterPesquisas, [S. l.], v. 1, p. 244–261, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.8352211. Disponível em:

<https://esabere.com/index.php/cadips/article/view/41>. Acesso em:
24 set. 2023.

VIDAL, D. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolares. **Currículo sem Fronteiras**, v.9, n.1, p.25-41, jan/jun, 2009.